

Stadium

N.º 158 ★ 12 DE DEZEMBRO DE 1945 ✦ PREÇO 1\$50

Capela foi o «homem» do Lumiar, tendo executado defesas de mestre. A bola, nesta imagem, é agarrada pelo belenense com segurança apesar da investida de Cordeiro, que também jogou a primor!



A primeira jornada é a promessa de grande torneio

As forças de Lisboa afirmam o seu valor Destacam-se vários grupos da Província

CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

A primeira jornada do Campeonato Nacional da Primeira Divisão, este ano com doze concorrentes, promete um futuro risonho. A excepção do encontro de Olhão, desequilibrado, em resultado, pelo menos, o que deve aclear-se naturalmente, visto tratar-se de um estreante, todas as outras pejejas, bem disputadas, acusam nívelamento de valores. O outro estreante, o Sport Lisboa e Elvas, entrou com o pé direito na prova. Logo no primeiro dia, uma vitória e um brilhante resultado! Importa darmos a ideia da forma como os encontros decorreram, acentuando as notas dominantes de cada um.

Dois grupos grandes...

O desejo de maior assistência disputou-se no Lumiar, intervindo o campeão de Lisboa e o seu mais directo rival. Diga-se desde já: — encontro belo, rijo, agradável, mesmo emocionante.

O Belenenses atingiu no torneio regional uma qualidade de jogo excepcional, atraindo a atenção da crítica. Todos o apontaram como o grupo que praticava melhor futebol, não excluindo objectivos de eficiência. O interesse consistia nisto: conseguiria o Sporting revelar forças suficientes para e conquistar do novo título, o maior de todos? Ou continuaria o Belenenses uma carreira de triunfos, cotando-se sem discussão como o n.º 1, ou como o mais apetrechado para o título grande?

Qualquer das respostas pode ser afirmativa. A dúvida parece-nos legítima, pelo que se passou em campo. O Belenenses tem um grande grupo. Mas é preciso ver as coisas como elas são. Ter-se em conta, em primeiro lugar, que se trata de um *team* que joga bem melhor em terreno relvado do que no campo sem pêlos, e em segundo que o seu ataque não revelou a força muscular necessária para se lhe exigir a característica da regularidade. Todavia, continuamos a ter um belo onze, assim como Lisboa excelente representante no seu campo.

Os belenenses, passado a fase de começo, encontraram o seu *sitio* e realizaram jainas de colaboração, se não com o relvado de outras vezes, sem dúvida com a suficiente entre-ajuda de células e unidades. Quando, após o intervalo, se viram obrigados a matéria

defensiva, não perderam o tino nem o norte, conseguindo assim, no momento nevrálgico, passar da defesa ao ataque. Por aqui vemos que o desafio comportou variantes que lhe deram a nota viva da curiosidade, e por vezes da emoção.

O resultado aceita-se perfeitamente. Porque, podendo qualquer dos contendores ganhar, e tendo lido o Sporting mais oportunidades, o desafio aparece em nossa recordação como exemplo típico de *empate justo*.

O Sporting, na sua nova fórmula dispositiva (duvidamos que insista na composição, em virtude de, manifestamente, alguns dos seus elementos não gostarem de desempenhar o papel que lhes foi distribuído), portou-se muito bem. Jogando ao ataque, concebeu e pôs em prática lances primorosos, que conseguiram dominar uma defesa estruturalmente aguerrida, sólida e ligada. Porquê? — Sempre pela mesma razão. Porque os interiores jogaram — dirigindo e manobrando. Isto é, libertando-se com agilidade da marcação e distribuindo depois o jogo. Como os extremos deram seguimento a quasi todos os golpes, temos de concluir que somente Peyroteo, em tarde infeliz de remate, e mesmo noutros aspectos, não esteve à altura dos acontecimentos. Quem nos surpreendeu, verdadeiramente, foi o jovem Cordelro, actuando com desembaraço e inteligência. Com personalidade. Porque, de Albano, já sabemos do que é capaz, embora tenhamos a opinião de que ele não é aquilo que se pode considerar um interior de alto a baixo. Um interior como é extremo. Já António Marques, lançado para um lugar difícil, por assim dizer especializado, cumpriu inteiramente, e, embora um jogo não signifique grande coisa, é, no entanto, preciosa indicação.

A linha média, activa e diligente, mostrou ligação umas vezes e desunião em outras. Certo, Canário ainda não está *au point*. Veríssimo, batallador, mas com incompreensão demora nos passes. Manuel Marques, um pouco à deriva na primeira parte, esteve muitíssimo bem na segunda, excelente de colocação e na entrega da bola.

Azevedo foi batido. Mal. Tivemos a sensação de que podia, ou devia, defender aquela bola de Quaresma (grande bola!). Barrosa tem qualidades de defesa, não significando isto que não seja um bom mé-

dio (seria desmentir os factos!); e Cardoso melhorou sensivelmente, tornando sólida e fechada a faixa do terreno em frente das rédes.

O Belenenses tem hoje a grande vantagem de possuir uma defesa apta para os maiores dificuldades, apesar de Vasco se desorientar com facilidade. Feliciano está um *back* de alto a baixo, cheio de prestígio, capacidade e competência, para o qual o jogo já não tem segredos. Capela realizou uma das melhores exhibições que lhe temos visto, de visão aguda, boa colocação e agilidade. Favorecido pela sua estatura, conseguiu desviar e captar bolas altas, aos cantos das balizas, que bateriam outros guarda-rédes, devendo destacar-se um dos seus *mergulhos a cabeça* bem dirigida de Peyroteo. Poucas vezes tem havido um guarda-rédes com tão veemente desejo de vencer. É que nunca mesmo!

A linha média belenense reforçou o ataque, sendo melhor, entretanto, no capítulo da defesa. Amaro mostrou abaxamento, atingindo o seu nível apenas em breves instantes. Gomes, e especialmente Serafim, na sua toada, magníficos. O ataque viveu de um homem, de Quaresma, que pôs tudo a mexer, e que teve em Rafael boa colaboração. Elói apagou-se um pouco e Mário Coelho também. Armando, com visível boa vontade, não conseguiu perfurar a muralha uma vez sequer.

Árbitro: Carlos Canuto. **Sporting:** Azevedo, Cardoso, Manuel Marques, Barrosa, Canário, Veríssimo, António Marques, Cordelro, Peyroteo, Albano e Cruz. **Belenenses:** Capela, Vasco, Feliciano, Amaro, Gomes, Serafim, Coelho, Elói, Armando, Quaresma e Rafael.

Elogia-se o Vitória, dizendo que o Benfica fez bom resultado!

Forçado pelas circunstâncias, o Benfica apresentou um *team* que era, positivamente, um arranjo. Vejamos a composição do Benfica: Martins, Cerqueira, Oliveira, Jacinto, Moreira, Artur Teixeira, Espirito Santo, Arsénio, Luz, Manuel Teixeira e Rogério.

Na verdade, que mais poderia exigir-se deste conjunto do que um empate! Tal não é diminuir o comportamento selubalense, mas representa a verdade. O Vitória apresentou-se com elementos quasi todos conhecidos: Baptista, Pereira, Armindo, Pacheco, Pina, Figueiredo,

Passos, Nunes, Rodrigues, Rendas e Cardoso Pereira.

Representa trabalho difícil dar a imagem do futebol benfiquense. Quanto à táctica, não há quaisquer dificuldades. Os homens mostraram em campo o mesmo dispositivo de marcação, mas o jogo resultou qualquer coisa de estranho e incharacterístico. A boa vontade das peças não chega. De sorte que o Benfica deu esta sensação: *team* de três ou quatro unidades de ouro de lei misturadas com elementos de baixo nível. Aquelas fizeram todo o possível para iluminar as restantes.

Enquanto que a defesa fez o que pôde, e a *parelha* deixou-se dominar com relativa facilidade, destaca-se singularmente como *grande figura* o médio-centro Moreira, que ocorreu a toda a parte e, em especial, aos terrenos de perigo, impulsionando a actividade de todos e reagindo contra a tendência do grupo para se dar a toada defensiva, aceitando a imposição do adversário, no jogo de ataque.

Por sorte, houve um homem na linha da frente lisboeta que, por si só, constituiu grave ameaça para as rédes *encarnadas*. Decerto já notaram os que viram o encontro que nos queremos referir a Rogério, o de pés alados, que não só conduziu como ainda provocou sempre perigo, vidé jogada do *goal*. Os restantes avançados merecem a adjectivação de batalladores, e mais nada.

O Vitória, como referimos, executou trabalho ligado, e mais de destacar quando ao ataque do que à defesa. O jogo selubalense desenvolveu-se em rapidez e com vivacidade, dentro da fórmula ligada de conjunto. Eis a bela característica do onze, que nos promete um bom torneio. Não há esforços desligados no seu conjunto, havendo, como não poderia deixar de ser, esforços individuais. Da defesa ao ataque, o necessário fio de jogo e ligação, surgindo, portanto, um grupo homogêneo, inimigo do aspecto parcelar das coisas.

O guarda-rédes dá solidez e confiança a esse todo. É manifestamente um guarda-rédes que sabe o que faz, na esteira dos Viegas e Artur Augusto. Não conseguimos fixar bem os defesas, mas já na linha média se destacou o centro, de boa medida atlética e com capacidade de jogo. Figueiredo, voluntarioso e enérgico como sempre foi e será, possivelmente. Já de Pacheco, acusando lesão, pouco se pode dizer. Linha da frente equilibradinha: óptima no jogo rasteiro, com hábeis demonstrações, fintas e enganos; trossas e mudas no devido momento. Mas os desafios ganham-se marcando bolas. Neste capítulo, ajora o conhecido pé de Rodrigues, as coisas não estão lá muito bem.

Nunes, por exemplo, é um prodígio de actividade, não isenta de jeito. Dá gosto vê-lo. Está muito bem. Certo. Mas um interior nunca deverá esquecer que todos os seus movimentos são convergentes para uma ideia. Caso contrário, de nada servem. Enfim, o Vitória vai animar o campeonato.

Atlético triunfante. Mas a Académica tem grupo!

O concorrente lisboeta que saiu de Lisboa conquistou o seu primeiro triunfo. De Coimbra já o Atlético está livre, parecendo-nos que tal coisa vai influenciar a sua acção futura!

Segundo rezam as crónicas, o

MARVILENSE

à cabeça da classificação

O campeonato da II Divisão da A. F. L. prosseguiu no último domingo, com a disputa dos encontros correspondentes à ante-penúltima jornada da competição.

Decididamente, estão de há muito formados dois grupos: um dos que aspiram ao primeiro lugar; outro dos que se contentam em não ser «últimos».

E' prova disso a vitória do Operário sobre o Fósforos, no último domingo. Nada custa a acreditar que tenha sido a firme vontade dos rapazes do antigo clube de S. Vicente em fugir ao último posto da classificação que tenha tornado possível a sua vitória sobre o Fósforos, que «comandava» a classificação.

Já há uma semana dissemos que a conquista do título viria a decidir-se entre o Fósforos e o Marvilense. No domingo, outra derrota do Chelas veio avolumar a nossa previsão. Mas, o que não se previa era que esse «duelo» se revestisse de tão grande interesse.

Agora temos o Marvilense à cabeça da classificação. Mas a sua vantagem de um ponto sobre o Fósforos pode ser anulada com uma facilidade extraordinária.

Eis a pontuação a duas jornadas do fim: 1.º Marvilense, 31 pontos; 2.º Fósforos, 30; 3.º Chelas, 27; 4.º Sacavenense, 23; 5.º Futebol Benfica e Operário, 21; 7.º Casa Pia, 19; 8.º Olivais, 18.

Os resultados da 12.ª jornada foram:

Fósforos-Operário, 2-3
Marvilense-Chelas, 3-1
Futebol Benfica-Olivais, 1-1
Sacavenense-Casa Pia, 3-1
A vitória do Operário sobre o Fósforos tem o seu quê de sur-

preendente. Mas, ao fim, admite-se sem custo, tão bem ela premia o ardor com que os visitantes se bateram. Ao intervalo, o Fósforos venceu por 2-1—um resultado a traduzir o desenrolar da luta.

que justifica o entusiasmo dos seus adeptos. Com as peças bem colocadas do terreno, imprimiram ao seu futebol características de velocidade, energia e conjunto. O Boavista actuou, pela força das circunstâncias, em rasgos individuais, após o período de começo, nitidamente de ataque.

Agrado pleno do jogo! Porque as avançadas sucederam-se num e noutro lado, mais numerosas por parte do Elvas. Mas o Boavista reagiu em condições dignas, procurando dar réplica a todos os golpes.

Arbitro: José Pires. Elvas: Semedo, Lucas, Santos, Alcobia, Rano, Ameixa, Morais, Mossano, Demétrio, Aleixo e Alves. Boavista: Mota, Vinagre, Silva, Pina, Raimundo, Ramos, Zeca, Serafim, Armando, Celado e Barros.

A 2.ª jornada do Campeonato Nacional

No próximo domingo disputa-se a segunda jornada do Campeonato Nacional, constituída pelos seguintes encontros: Belenenses-Académica, Boavista-Sporting, Oliveirense-Elvas, Vitória de Guimarães-Olhonense, Vitória de Setúbal-Pôrto, Atlético-Benfica. Os desafios realizam-se nos campos dos clubes indicados em primeiro lugar.

Para uma luta equilibrada como foi a que se travou entre benfiquenses e oliveirense, o empate não fica mal, embora se possa acrescentar que o Olivais excedeu as previsões.

A luta entre o Sacavenense e o Casa Pia não foi agradável de seguir. Jogou-se com dureza excessiva. A derrota do Casa Pia não contraria o desenrolar do desafio.

Diamantino Dias

RUGBY

«rugby» é sem dúvida um desporto emotivo. Todavia, depois de se haver praticado em Lisboa com entusiasmo e no Pôrto durante várias épocas, apenas três ou quatro colectividades portuguesas se lhe dedicam entusiasticamente.

Para alimentar o fogo sagrado, promoveu o Benfica um torneio, para disputa da «Taça Engenheiro Aires da Fonseca», mas logo no primeiro dia faltou um dos grupos concorrentes—Estoril Praia, indicado para adversário do S. L. e Benfica. Efectuou-se apenas, portanto, o jogo Belenenses-Sporting.

O grupo de Belém ganhou por 6-3, depois de 6-0, obra de dois ensaios de Benjamim. Nenhum deles foi transformado. O sportinguista Resina obteve um ensaio que também se não transformou, e por aqui se ficaram os dois «teams».

Claro que no primeiro jogo da época não poderia exigir-se bom «rugby». Mas, mesmo assim... poderia fazer-se muito melhor. Os Belenenses ainda produziram, na segunda parte, trabalho de certo valor, mas de um lado e de outro faltaram bons corredores e ousadia nas linhas avançadas.

Também se nota de novo falta de transformadores. Bem se sabe que o êxito da transformação depende do local onde tiver sido marcado o ensaio. De qualquer das maneiras, os nossos jogadores denunciavam falta de treino ou de adaptação surpreendentes.

Depois do jogo Belenenses-Sporting, e por faltar o Estoril Praia, o Benfica efectuou um treino com a sua equipa de reserva. O conjunto principal ganhou por 19-14.

Ao Benfica foi entregue pelo Belenenses a «Taça Eduardo Serenar», ganha o ano findo pelos encarnados. O torneio, como se sabe, foi ganho pelo clube de Belém.

Allético jogou muito bem ao ataque, apresentando, no entanto, falhas no defesa. Já não é meu. Porque se nos afigura bem mais difícil organizar uma boa ofensiva, do que consolidar um bloco defensivo tapando aqui e acolá rotura ou deficiência que por lá exista.

Mas o Allético não se limitou a jogar ao ataque, isto é, a passar a bola de avançado para avançado, mas foi ainda prático. Alirou as rês, único forma de se ganhar. Os interiores trabalharam para Gregório, e este procurou sempre dar expressão prática ao jogo desenvolvido. As vezes, fôlhou. Compreende-se e justifica-se. Era carga demasiada. Para a boa ordenação do Allético contribuiu a figura de José Lopes.

A Académica perdeu. Tem, contudo, o mais agradável lenitivo. Aquê que consiste no reconhecimento de que os estudantes têm um team que, mais treinado na luta a sério, fará figura. Ainda não conseguiram o ritmo a que obriga o que quiser participar na Primeira Divisão com êxito. Todavia, a linha avançada rendeu menos do que todos calculavam, carecendo de sentido prático e de aperfeiçoar os seus movimentos colectivos.

Arbitro: Domingos Miranda. Académica: Jaques, Albino, Mário Reis, Lomba, Carlos Silva, António Merlo, Angelo, Lemos, Gerção, Concelção e Bentes. Allético: Correia, Baptista, Francisco Lopes, Gelinho, José Lopes, Morais, Oscar, Armando, Gregório, Rogério e Marques.

lente guarda-rêdes. Também se distinguia a asa esquerda.

Arbitro: Borges Leal. Pôrto: Bergigano, Alfredo, Guilher, Alvarenga, Romão, Nano, Lourenço, Areújo, Correia Dias, Joaquim e Catolino. Vitória de Guimarães: Machado, Gerção, João, Luciano, Curado, Brioso, Frankim, Miguel, Alexandre, Alcino e Arlindo.

Domínio do Olhanense e meia hora de resistência do Oliveirense

O Olhanense triunfou. Especialmente triunfou a sua linha avançada, em quem os adeptos da bola têm os olhos postos. Sem dúvida, a inclusão de João da Palma, que um dia fomos buscar para a Seleção dos Novos, constituiu notável esforço. Uma época sem jogar, e a habilidade persiste. Manuel Mota, crítico lúcido, não esconde a admiração que lhe provocou a actividade do referido elemento, o verdadeiro orientador do ataque.

As linhas defensivas algarvias não estiveram em jogo. O Oliveirense, com lóde a sua boa-vontade, não poderá, por enquanto, pôr em em graves riscos um grupo como o Olhanense, desde que a luta se desenvolva no estádio Padinha. Em Oliveira de Azeméis, o caso talvez seja outro...

O Oliveirense chegou para meia hora. Quer dizer: até gastar generosamente o seu esforço e musculoso! Dêsse momento em diante, o Olhanense atacou em lóde de verdadeiro domínio, fazendo combinações que se viram com verdadeiro encanto, quer o passe de boa conta e medida, quer o toque hábil no balão. As cinco bolas marcadas no segundo tempo pelos algarvios exprimem êsse domínio.

Deverá, todavia, ter-se em conta que o Oliveirense não pôde apresentar o guarda-rêdes efectivo, o que exerce, em geral, influência em qualquer grupo—quanto mais num estreito na Primeira Divisão. No Olhanense deslocaram-se também Cebreira e Salvador.

Arbitro: Domingos Godinho. Olhanense: Duarte, Rodrigues, Nunes, João dos Santos, Grazina, Loulé, Moreira, João de Palma, Cebreira, Salvador e Palmeiro. Oliveirense: Teixeira, Henrique, Joaquim, Oliveira, Pinho, José Tavares, Domingos, João Tavares, Santos, Zeca e Armando.

Elvas venceu e jogou melhor. Boa réplica do Boavista

O Sport Lisboa e Elvas estreou-se magnificamente. Lembremo-nos que o Boavista é o segundo do Pôrto, e que o grupo tem razoável conjunto, dispondo de uma linha atacante de valor. De resto, a dianteira cumpriu o seu dever: marcar três bolas no estrangeiro é, para-nos, actividade digna de registro.

A célula defensiva dos portuenses foi obrigada a desenvolver trabalho deveras fôlante. Tal apontamento significa que o adversário exerceu domínio, pelo menos territorial. No caso em questão, os elvenses também demonstraram superioridade técnica e nível de jogo

Atenuantes para o Pôrto, brilhante comportamento de Guimarães!

O Pôrto apresentou-se na prova com falta de lúlulares. Isso é uma atenuante. Pensemos, no entanto, que, em competição árdua e longa, tal sucederá muitas vezes. Ora, segundo o pensamento geral, o campeão do Pôrto não jogou bem. Teve falhas nítidas. Particularmente no que respeita à organização de conjunto. Dêste modo, as avançadas de Guimarães progrediram no terreno com relativa facilidade, utilizando os extremos, em passes longos e por alto. Isto é, passes de fácil corte, quando os médios sabem marcar o adversário.

Ao intervalo, o resultado era de 2-1 favorável ao grupo de Guimarães. Justamente. Não fôra o extraordinária energia posta na luta pelos portuenses, e o resultado não se teria modificado. Luís Martins dá a seguinte imagem do comportamento do F. C. do Pôrto: *trunfo algo difícil, modesta exibição do Pôrto. Resistência porfiada dos vimaranenses.* Há também a acrescentar que os portuenses não foram capazes de transformar duas grandes penalidades.

A partida interessou vivamente. Interessam sempre os desafios quando se joga num e noutro campo.

Ao passe largo de Guimarães não opuseram desta vez os portuenses o seu futebol rasteiro, rápido, e de boa desmarcação. Não há unidades e destacar no Pôrto. O Vitória de Guimarães dispõe de um exce-



Jesus Correia, como futebolista...

JESUS CORREIA, um "leão", moderno de juba antiga

Um jogador por acaso! - Fala-se com interesse
de futebol, hoquei, do jogo e dos jogadores!

JESUS CORREIA, este rapaz jovem e simpático, um verdadeiro habilidoso da bola, é um caso invulgar e único de jogador. Os outros começam pela bola de trapos, em miúdos, nos largos, nas ruas, nas travessas, em toda a parte onde há um pouco de espaço livre, mesmo que haja janelas em volta. Outros ainda dão os primeiros pontapés, já na escola, com certa disciplina. São os aristocratas do futebol!

Pois bem: Jesus Correia, que caso estranho! Não tem passado que justifique a sua presença no *team* de honra do Sporting. Limitava-se a dar uns pontapés na bola de borracha. Pontapés tímidos, passe a expressão, enquanto na praia de Paço de Arcos não chegava a hora do banho, mas sem pretensões de jogador. Gostava do desporto, da vida e do exercício do ar livre.

Uma vez, os rapazes do seu tempo, levaram-no a envergar a camisola do Paço de Arcos, mas não fez carreira. Mela d'zia de jogos, se tanto. O hoquei patinado

é que prendeu a atenção do novo desportista. Foram auspiciosos os primeiros jogos. Jesus Correia, seleccionado para o recente Portugal Sulista, fez e continua a fazer carreira no «hockey» em patine.

E o futebol? — perguntará o leitor.

Éis o caso especial de Jesus no «associations».

Desde que passou a jogar hoquei nunca mais jogou à bola. Quando o *desinquietaram* para ir fazer uma *experiência* ao Sporting havia já dois anos que não dava um «chute»! Pois ao fim desse treino, coroava a sua exibição com um «goal» bem enfiado nas rédes de Azevedo. Jesus Correia passava a vestir a camisola listada dos «leões».

Assim apareceu este novo jogador da bola.

Fomos a Paço de Arcos conversar com Jesus Correia. Encontrámo-lo ainda de cama — a perna bem estendida, curando os efeitos do choque com Eduardo Santos no jogo Sporting-Cuf. Foi o seu primeiro grande acidente. Felizmente.

Trocamos as nossas impressões com o extremo direito no ambiente acolhedor do seu quarto — as paredes cheias de fotografias da sua actividade no futebol e no hoquei.

Gosto muito do desporto, dizem nos Jesus Correia, a desviar-nos os olhos curiosos. Mas nunca pensei ser jogador de futebol, a sério...

— Mas hoje já gosta do futebol?

— Sempre gostei. Raro era o domingo que não ia ver a bola. Hoje, claro está, sinto-me bem preso ao grande jogo. E' que tem sua influência o jogar-se num primeiro grupo como o Sporting. Além disso, fui substituir um titular de categoria, Adolfo Mourão. Havia que honrar o lugar. Isso mesmo dava-me a entender o grande jogador, quando nos primeiros tempos me visitava na cabine para me dar seus conselhos e indicações.

— Já tinha simpatia pelo Sporting?

— Por nenhum clube. Fui parar ao Sporting como poderia ir para qualquer outro.

— Hoje?...

— E' melhor não falar nisso. Considero-me bem *fixe* na família leonina. Bela camaradagem. Ambiente magnífico. Por ali hei de ficar.

— Prefere o futebol ou o hoquei?

— Gosto de ambos. As duas modalidades interessam-me.

— Uma não prejudicará a outra?

— Quanto a mim, não. Os jogos de hoquei no meio da semana, constituem uma boa preparação. Faço uma vida regrada, aquela que entendo ser necessária àquele que pretenda ser bom atleta. Continuando assim espero contentar os meus dois clubes — o Sporting e o Paço de Arcoç.

— Pratica outros desportos?

— Natação, ciclismo, ping-pong, ténis, patinagem, a vela, mas tudo isto por prazer. Como amador. Por gosto.

— Sente-se em boa forma?

— Poderia estar melhor. Mas o serviço militar não permite que faça uma preparação mais intensa, pelo menos normal. Estou sem treinar...

— Que diferença nota entre os dois desportos que pratica?

— São modalidades de características bem diferentes. O hoquei é um jogo à base de energia e velocidade constante. O futebol com lances não menos enérgicos, é mais estudado. Talvez mais emotivo, pelos momentos que o jogador vive de posse da bola, pondo em acção todos os seus recursos físicos e cerebrais.

— V. quando joga, pensa?

— Até a marcar as bolas.

— Tem um sistema para fazer tentos?

(Continua na página 15)

FERNANDO SÁ



Jesus Correia, gozando a vida...



Jesus Correia, futebolista, o rematador. As balizas do adversário correm perigo!



Jesus Correia, o hoquistas, em plena acção. Pobre guarda-rédes!

Inimigos na vida?...

-Nada disso!- afirmam os jogadores da bola



JULGA-SE que os nossos jogadores de futebol, às vezes áspersos no campo, lutam como inimigos e não por causa de um resultado que interessa ao seu brio desportivo. Pois é um engano. Também há camaradagem, e mais sã e honesta entre os jogadores.

Concluindo um desafio, não é raro vê-se, nos pontos de reunião ou em simples passeio pelas ruas de Lisboa, jogadores de várias clubes, horas antes ou horas depois vestindo camisolas diferentes. E, mais importante ainda do que isso: atletas dos mais diversas colectividades, acamparam hora a hora, dia a dia, no mesmo emprego, absolutamente integrados na mesma disciplina profissional, ligados "tu cá tu lá" com os números, os papeis — as mil e uma coisa do escritório ou da oficina.

Porque os nossos jogadores — trabalham. De muitos sabemos nós. E são bons empregados, zelosos no seu dever, cumpridores de ordens vindas de cima ou fazendo-se respeitar quando lhes cumpre transmiti-las a alguém.

Um caso, de entre muitos: — numa dos mais importantes organizações corporativas nacionais, o G. A. M., são funcionários há anos alguns dos melhores jogadores portugueses. Claro que o jogador de futebol, como qualquer outro mortal, também está preparado para trabalhar ao lado dos mais hábeis. E quando o deseja, quando se esforça por cumprir, tem redobrado valor a sua actividade, o seu propósito de vencer pelo trabalho.

— Mas, inimigos na vida. E na bola...

— Nada disso! — disseram pela mesma boca Rafael Correia, Manuel Marques, António Feliciano, Carlos Canário e João Rafael Mateus, homens do Belenenses, do Sporting e do Estoril Praia...

Pois claro que sim. Pois certamente, como desportistas, exemplares e até como bons profissionais.



1
Cinco jogadores de futebol alinhando em três clubes de Primeira Divisão de Lisboa trabalham sob o mesmo teto e dão-se como irmãos...

2
Dois defesas, Feliciano e Manuel Marques, trabalham lado a lado.

3
Dois médios, Mateus e Canário na tarefa diária.

E, caso de relatar para conhecimento de quem viva à margem destes ambientes, — os cinco rapazes, camaradas de trabalho, "não discutem". Podem falar de tudo. Raras vezes, porem, de futebol...

— Porquê?

— Ora, porquê. Porque apenas queremos resolver estes problemas no campo — opinou Rafael.

— Porque o jogador de futebol, verdadeiramente, não gosta discutir "fora de horas" — esclareceu Canário.

— Porque, assim, nos iludimos uns aos outros, até ao resultado final — garantiu Feliciano.

— Porque só durante hora e meia gosto de pensar a sério no jogo — afirmou Manuel Marques.

— Porque, cá por mim, prezo muito a boa ordem no trabalho e no espirito — disse Mateus.

Belíssimos rapazes, sem dúvida, estes praticantes do futebol. Nem um amuo ou um aborrecimento perturba os seus serviços — lá porque na véspera, na frente de alguns milhares de pessoas, lutando desportivamente, haviam perdido mal ou ganho bem qualquer desafio.

— Mas, um ou outro encontro mais duro, no auge da luta...

— Não importa — é a opinião de Rafael. Tudo esquece quando o árbitro dá o desafio por terminado.

— Então — sempre bons camaradas?

— E' como vê. Se há quem julgue o contrário, não pensa bem.

Assim mesmo. Há por certo casos iguais aos de Feliciano, Rafael, Canário, Manuel Marques e Mateus.



A vida desportiva POR ESSE MUNDO FORA

BOXE

Brilhante vitória
de Cerdan

NOTA DA SEMANA

As quatro Federações de futebol da Grã-Bretanha, nomeadamente da Inglaterra, Escócia, Gales e Irlanda, que em 1928 haviam abandonado a Federação Internacional (FIFA) por motivo da remuneração dos jogadores amadores, reingressaram há poucos dias ao seio da que lhe é importante e categorizado organismo.

Esta resolução dos dirigentes desportivos do futebol britânico não é de somenos. Constitui um natural passo para assegurar a unificação do jogo da bola reunindo e congregando à mesma mesa os principais países da comunidade europeia.

É evidente que só uma paz assente no maior e mais completo entendimento dos povos poderá permanecer em bases sólidas, perduráveis e sinceras. Por conseguinte, tornar-se-ia absurdo que no desporto existissem ciúses, embora doutrinárias e pacíficas, uma vez que o desporto constitui o meio formidável e inequívoco de facilitar essa paz, de a manter e de a tornar compreensível às multidões.

A questão, debalidíssima, do manque-à-gagner ou, seja, do pagamento das horas de trabalho que os jogadores eram levados a perder com a prática desportiva, indemnizando-os dos salários habituais, não podia jogar-se com os pontos de vista rigorosos e a mentalidade dos britânicos.

Por isso, e com evidente desgosto da FIFA, se produziu o afastamento das federações agora insíperas de novo, causando sensível abalo no intercâmbio do futebol europeu, e no dos próprios países dissidentes, reduzindo-lhe a sua natural projecção.

O reingresso é um passo decisivo a eliminar preconceitos e reduzir «torres de marfim» muito respeitáveis, mas perfeitamente nocivas. Seria de ambicionar, também, que em todas as modalidades surgisse o mesmo movimento de concórdia e cooperação manifestado agora no futebol.

O pugilismo, por exemplo, nunca conseguiu incorporar-se num organismo único revestido de autoridade e respeito, apesar dos esforços e tentativas já realizados. Quando se ver a esse urgente e indispensável benefício, fundamental na expansão intermitente da causa boxística europeia e do Mundo, corporizar-se e crescer como é necessário?

RAFAEL BARRADAS

FUTEBOL

Os clubes pequenos na Inglaterra protestam contra os aumentos de salários

A maioria dos clubes de futebol ingleses, em especial os da 3.ª Divisão, acusa já os efeitos do acordo firmado recentemente entre a Liga e a União dos Jogadores.

Cerca de 17 clubes realizaram receitas inferiores às despesas forçadas e desde já se clama insistentemente pela redução do imposto de 45 por cento aplicado aos espectáculos e diversões. O público, nalguns desafios, regula por 3, 4 e 5 mil pessoas, quando são necessárias 9 mil para assegurar lucros que permitam pagar a soldada e o bônus aos jogadores.

Como só os clubes da 1.ª e 2.ª Divisões estão certos de reunir uma assistência superior à dezena de milhar, a sorte dos clubes da 3.ª Divisão parece muito comprometida.

É curioso anotar que, na maioria dos clubes, as receitas por desafio orçam entre 300 e 500 libras, quantias relativamente escassas e que não chegam para cobrir as despesas.

Ainda o futebol russo

DEPOIS da brilhante figura, desempenhada em Inglaterra, pelo Dynamo, de Moscóvia, cabemos citar que não passa na U.R.S.S. como o melhor grupo futebolístico do país. Existe outro clube, agora em viagem pela Sudeslavia, que pelo menos tem igual cotação e é capaz de vencer o Dynamo com retumbância. O seu avançado centro é, no dizer dos jornalistas russos, o jogador humanamente mais perfeito possível.

A ser verdade, cai por terra a

TÊNIS

O pensamento de W. F. Davis

FALLECEU em Washington, depois duma larga doença, o antigo ministro das finanças americano Wight F. Davis, que em 1903 ofereceu a famosa Taça que leva o seu nome e constituiu o troféu mais importante do ténis internacional. Nas últimas semanas o seu estado agravava-se e todas as esperanças estavam perdidas.

Davis foi governador das Filipinas e combateu na primeira grande guerra de 1914-18.

afirmação de que o Dynamo fosse, quasi a selecção nacional dos tovariches da «foice» e do «martelo».

O famoso Zamora irá para a Argentina?

CÍRCULA pelos meios futebolísticos madrilenos a notícia que Ricardo Zamora, ex-guardameta famoso e actualmente treinador, fora convidado por um clube importante de Buenos Aires a exercer as suas actividades na Argentina. Ao que se diz, Zamora aceitou a proposta, devendo seguir para a cidade do Plata no mês de Janeiro.

Os campeonatos dos Países-Sul Americanos

DEPOIS deapurados o «Vasco da Gama» e o «River Plate», campeões respectivos do Brasil e da Argentina, chegou a vez de ser proclamado vencedor do campeonato do Uruguai o conhecido clube Peñarol, de Montevideo. O conhecido Nacional, que visitou há anos o nosso país, ficou algo esquecido na classificação.

As «Ligas» em Espanha

RESULTADOS da 11.ª jornada disputada no passado domingo. Primeira Liga: Alcoyano 3-Aviación 1; Espanhol 1-Bilbao 5; Gijon 1-Valencia 2; Sevilla 3-Murcia 1; Castellon 1-Oviedo 1; Celta 1-Barcelona 5; e Madrid 2-Hércules 0.

Segunda Liga: Saragoça 4-Ferrol 0; Cordova 4-Santander 2; S. Sebastian 5-Tarragona 0; Xerez 1-Betis 0; Sabad 3-Ceuta 1; Salamanca 0-Granada 1; Corunha 2-Maiorca 2. Oviedo, Sevilla e Real Madrid seguem à cabeça. Na Segunda Liga está o Sabadell.

RUGBY

O «match» Inglaterra-Exército Neozelandês

NO primeiro jogo internacional de após-guerra, o quinze representativo da Inglaterra perdeu com o do Exército Neo-Zelandês por 18 pontos a 3. O ataque dos ingleses esteve sempre apático e a defesa, embora jogando bem, mostrou a falta de coordenação.

Os melhores jogadores zelandeses foram Cook e J. B. Smith. Dos ingleses destacaram-se Arnold, Hall e Maxwell.

A crítica, embora reconhecendo a superioridade dos vencedores, pretende que a derrota está longe de ser esmagadora e atribui-a à falta de entendimento entre as diferentes linhas do grupo.

MARCEL CERDAN, campeão de França dos pugilistas «meio-médios» desde 21-2-938, quando venceu Omar Konidri por pontos, e campeão da Europa da mesma categoria a partir de 30-9-942, data em que pôs fora de combate o campeão de Espanha, Ferrer, conquistou agora outro importante triunfo.

Oposto a Hassane Diouff, campeão dos «médios», liquidou-o em 3 assaltos. A luta travou-se no Palácio dos Desportos, em Paris, e desde o primeiro momento se viu que Cerdan buscava acabar depressa. Diouff tombou na lona 3 vezes, durante o 2.º período, e no 3.º a luta findou sem apêlo possível.

Por aqui se vê a extraordinária classe do pugilista francês ou, melhor, argelino, que brevemente nos visitará, segundo consta.

Os portugueses em Espanha

A maioria dos pugilistas portugueses anda a ares pela vizinha Espanha. Há dias, combateram na cidade condal, Augusto de Sousa (contra Lorente), Diamantino Gama (contra Ferrer) e Eduardo Alves (contra Romero).

Nenhum logrou vencer, e se exceptuarmos o combate entre Sousa e Lorente, muito animado e vigoroso, os restantes foram monótonos. Sousa bateu-se bem, segundo dizem as gazetas. Gama embrulhou o encontro com prisões e golpes de luta. Ferrer, bastante decadente, ganhou por pontos, apenas. Quanto a Eduardo Alves foi desqualificado por falta de combatividade. Acusou um médo impróprio da sua qualidade e a Federação suspendeu-lhe a bolsa, como é de justiça.

Um combate suspenso na América

EM Hartford, também o árbitro teve de intervir desclassificando dois boxadores por falta de entusiasmo. Pretendentes ao título dos «leves», tanto Bob Ruffin como Willie Calhoun preferiram bailar e evitar o choque dos punhos. Após duas advertências, o juiz suspendeu a função e as «bolsas» ficaram apreendidas pela Comissão Estadual de Connecticut, organizando-se um inquérito aos acontecimentos.

Vitória de Peiró, em Paris

O bem conhecido boxador Francisco Peiró perdeu há dias, com um pugilista de mediano cartaz, na capital da França. Mais tarde, jogando contra o novato Mierwza, ganhou a decisão por pontos, sem brilhantismo mas com inteira justiça.

As suas esquivas e o poder e precisão dos golpes com o punho esquerdo bastaram para neutralizar todas as tentativas do adversário.

Stadium

A expansão do jogo exige campos em condições para a prática do futebol e para o público. Os concorrentes à Primeira Divisão do Campeonato Nacional apresentam os seguintes campos:

Sporting, estádio do Lumiar; Atlético, Tapadinha; Belenenses, Salésias, Benfica, campo 28 de Maio; Boavista, campo António Mascarenhas; Futebol Clube do Porto, Lima; Oliveirense, estádio Mário Duarte em Aveiro; Olinhense, estádio Padinha; Vitória Guimarães, campo da Ponta; Elvas, estádio Municipal; Vitória de Setúbal, Arcos; Académica, campo do Lusitania, provavelmente.

Porto, Oliveirense e Associação Académica, embora por motivos diferentes, vêem-se na necessidade de jogar em campo estranho.

O clube proprietário do campo, nestas condições, recebe 7% da receita líquida, e só tem direito a entrada os sócios do clube apresentante do campo.

Os cartões passados pela Federação com direito de livre entrada nos campos dizem respeito às seguintes individualidades: corpos gerentes da Federação, sócios honorários da Federação, presidente e secretário das Associações Distritais, comissão central de árbitros, árbitros internacionais, imprensa, delegados nos jogos da Federação, seleccionadores, treinador e massagista do grupo nacional, comissões nomeadas pela Federação, funcionários federativos e jogadores com seis jogos internacionais efectuados.

Além destes, têm validade na respectiva área os cartões passados pelas Associações Distritais.

Por decisão federativa, é expressamente proibida a qualquer entidade a posse de senhas de favor e de livre entrada de senhoras não associadas.

Estão fixados os seguintes preços dos bilhetes para o Campeonato Nacional: geral 7\$50; superior 10\$00; bancada lateral 15\$00; bancada central 20\$00; cadeiros 25\$00; e senhas de camarotes 25\$00.

Semelhantes preços podem ser alterados, por acordo entre os clubes contendores.

De todos os jogos da Primeira Divisão são retirados as seguintes importâncias para o Fundo da Arbitragem: até cinco contos da receita bruta, 250\$00; de 5 a 10 contos, 350\$00; de 10 a 20 contos, 500\$00; para receitas superiores a 20 contos, 500\$00 e mais 60\$00 por cada dez contos ou fracção.

Conforme aquela decisão, os árbitros cobram: 100\$00, 150\$00, 200\$00, e 200\$00 e mais 20\$00 para cada 10 contos ou fracção.

No Mundo da

BOLA

pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

Curiosidades dos "leões"

O último Boletim do Sporting publica várias «curiosidades» dos «leões». Damos a conhecer alguns desses apontamentos.

◆ Este ano há muitos jogadores novos no Sporting. Em júniores de futebol, disputarão o campeonato regional duas equipas.

◆ O guarda-rédes desportivo do Sporting vale hoje cerca de cem contos.

◆ O Sporting gasta anualmente com assistência médica 60 contos.

◆ O Sporting precisa de 400 pares de bolas para satisfazer o movimento de treinos e jogos das diversas Secções.

◆ Os atletas do Sporting bebem todos os domingos 30 litros de chá de limão.

Há resposta para tudo...

P. 243 — Qual é melhor: Luis Cordeiro ou José Pedro?

P. 244 — Armando Ferreira ou Elói? (De um leão, J. J. D., do Sanatório do Outão).

R. 243 — José Pedro.

R. 244 — Elói, presentemente.

(Já respondemos, de outras vezes, às perguntas que ficam agora sem resposta).

P. 245 — Qual é melhor: Quaresma ou Armando Ferreira?

P. 246 — Que é feito de Acácio, antigo guarda-rédes do Belenenses? (De um Belenensista que, pelo clube azul, dá a vida; de Niza).

R. 245 — Quaresma, na forma actual dos dois jogadores.

R. 246 — Não joga em nenhum clube.

P. 247 — Araujo está este ano em boa forma?

P. 248 — Nunca ouviu falar nas qualidades de Carlos Marques, e de Vitorino Ferreira, do União S. C. de Paredes? (Do Barão Paredense).

R. 247 — O treinador Szabo garante que Araujo está em forma.

R. 248 — Nunca ouviu falar. Mas é possível que sejam bons jogadores.

A apresentação do grupo nacional

EM obediência ao Plano estabelecido pelo Seleccionador Nacional, e após a primeira fase, os Internacionais deviam ser submetidos a uma preparação intensa, sob vários aspectos, de acção directa do próprio Seleccionador. Estava previsto, para o efeito, o estágio de um mês em Sintra, e já fixados os desafios-ireinos.

Todavia, uma notícia inesperada veio repentinamente mudar o rumo das coisas. A Federação Sulça comunicou aos dirigentes do nosso país a impossibilidade em que se encontra de deslocar-se na data escolhida para a efectivação do encontro.

Ora, o Portugal-Sulça estava marcado para o próximo dia 6 de Janeiro, justificando-se o desenvolvimento do Plano tal como foi concebido. Sendo o jogo adiado, e para data que, por enquanto, ainda não se conhece, visto a Federação Portuguesa aguardar uma carta da Sulça sobre o assunto, é evidente não haver necessidade de Intensificar os treinos. Tanto mais devendo o desafio realizar-se lá para Março.

O Seleccionador dar-se-á a trabalho de observação neste mês, em conjunto com os Auxiliares, e mesmo com os Treinadores, de modo a apresentar a Selecção Nacional, um provável team, evidentemente, na primeira dezena de dias de Janeiro, em data de semana, no Estádio do Lima. Realizar-se-ão depois, periodicamente, desafios com o objectivo de dar conjunto ao team.

O grupo português apresentar-se-á contra a selecção do Pório, devendo o jogo ser aproveitado para determinadas experiências que, certamente, estão no espírito do Seleccionador Nacional. No Plano da Selecção, desde a primeira hora, figuravam dois meses de preparação directa e intensa, na devida oportunidade. Era, porventura, a parte mais importante de um todo. A transferência do Portugal-Sulça e a possível efectivação do Portugal-Irlanda obrigam, no entanto, a rectificações que estão a ser introduzidas.

Corre que...

Apesar de não haver já possibilidades de transferência de jogadores, alguns clubes pretendem, mesmo assim, reforçar as suas linhas, dos júniores à primeira categoria.

Os ânimos estão mais serenos. Não se fala em congressos. Por enquanto, claro.

O Benfica pretende, numa reunião antes do sorteo, na A. F. L., o alargamento da Primeira Divisão para eitorze clubes. Sporting, Belenenses e Atlético não concordaram.

A notícia de que os clubes de Lisboa não enviavam representantes ao Sorteo foi desmentida pela presença dos presidentes dos clubes, dr. Barreira de Campos, dr. Octávio de Brito e Joaquim Paiva e Silva.

O Atlético tem tido uma atitude de relvêo e ponderação na política da bola.

Francisco Ferreira deverá alinhar no próximo domingo, com-

pletamente restabelecido da sua aborrecida distensão.

O Benfica participou à Direcção Geral dos Desportos a atitude do seu jogador Júlio Correia, o Julinho, relatando vários factos.

Jesús Correia estará ainda algum tempo sem jogar, por causa da lesão sofrida.

O jogador Gomes da Costa começa a ser apoiado pelos clubes de Lisboa. A hipótese, como está encaminhada, talvez tenha probabilidade de êxito.

O regulamento geral da Federação está a ser cuidadosamente elaborado, devendo ser publicado brevemente.

O árbitro João Vaz voltou à faina, apesar da atitude da Corporação de Lisboa.

Salvador do Carmo, presidente do Conselho Técnico, andou em serviço de vistoria de campos. Fêz bom trabalho.

Campeonato Nacional de Futebol

Os empates de LISBOA



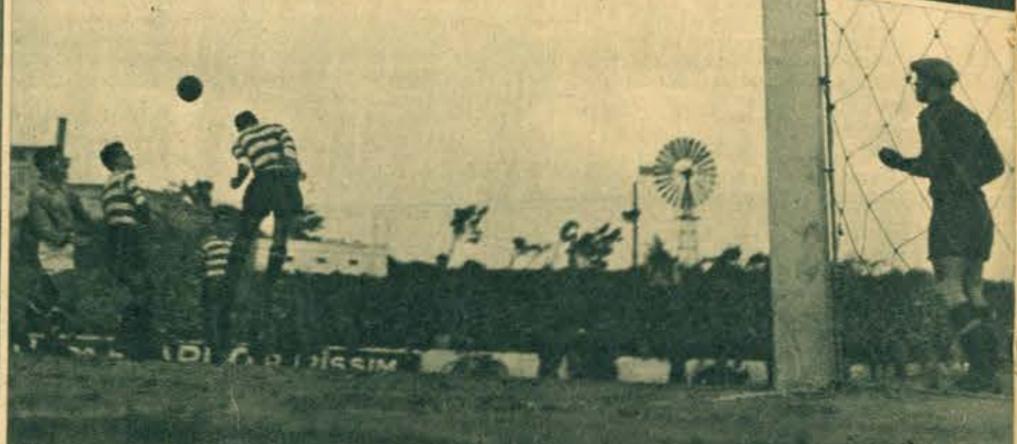
Ao redor de Capela, na figura central, há um bailado em que tomam parte António Marquês, Serafim, Peyroteo e Feliciano. Há animação no Lumiar.



Aí vem a bola! Capela, já num intenso esforço muscular. Os outros, Peyroteo, Vasco e Feliciano, também estão a viver um grande momento.



Feliciano «cobre» tão bem Peyroteo que, raras vezes, o avançado-centro internacional consegue jogar eficientemente contra o Belenense!



Veríssimo alivia de cabeça, a coberto de Barrosa e Cardoso, ante a expectativa de Rafael. Ao longe, Azevedo não perde o mais leve pormenor...



Peyroteo e Oliveira lutam com vigor. Os jogadores tomam posição para a hipótese da bola lhes ser passada, intencional ou casualmente.



Moreira, o mais activo de todos, inutiliza um ataque de Rodrigues, com o auxílio de Cerqueira. Ao longe, Passos e Nunes observam o desenrolar dos acontecimentos.



Moreira e Passos em disputa da bola alta. Artur Teixeira segue o lance atentamente.



Martins defende, atacado por Rodrigues e protegido por Sequeira.

Os resultados da 1.ª jornada do Campeonato Nacional anunciam uma prova renhidamente disputada, com os mais belos e emocionantes motivos de agrado e interesse.

Bem sabemos que, por enquanto, tudo se apresenta problemático. Mas podemos continuar a ter a seguinte certeza: — de que Lisboa continua a manter o cetro da superioridade. Seus grupos estão adestrados, embora haja a contar com a crise benfiquense. Atlético mostra-se pujante de vida. Sporting e Belenense aguçam as suas forças no combate directo para, em seguida, desferirem golpes experientes e porventura mortais nos concorrentes da provincia.

Lisboa vai encontrar sérias dificuldades. No dizer sugestivo de Mariano Amaro: seja quem for apurado campeão, não apresentará a sua fôlha isenta de várias derrotas. No orgulho do vencedor caberá algumas tristezas!

Quasi todos os resultados da 1.ª jornada são nivelados. Feita breve referência aos concorrentes lisboetas importa fixar o seguinte. O Pôrto ainda não se encontra, por certo, em boa forma. Em todo o caso, Guimarães constitui uma ameaça.

Olhansense é a mais bela força da provincia, justificando-se a pesada derrota do Oliveirense. Vitória de Setúbal também se dispõe a magnífico campeonato. A Académica acontece em certa medida, o mesmo que ao Pôrto. Boavista sucumbiu, revelando poder de ataque. Teremos em Elvas uma realidade, ao mesmo tempo agradável surpresa? Esta primeira vitória do novo candidato já é um raio de luz.

T. S.

Falando com o DR. OCTÁVIO DE BRITO

a quem se deve a moderna orientação belenense

O Belenenses encontrou um bom dirigente. O sr. dr. Octávio de Brito, um dedicado da bola, vivia o seu entusiasmo pelo popular jogo, em silêncio, isto é, sem tomar parte directa nos vários casos que animam a actividade de um clube. Seguiu atento e interessado — isso sim — a vida do seu clube predilecto. Até que... — estas coisas sucedem sempre um dia — um braço amigo levou-o até à sala da direcção do popular clube de Belém. Desde então, o sr. dr. Octávio de Brito começou um trabalho excelente. Uma orientação nova animou a vida intensa do Belenenses, correndo esse aspecto a vitória magnifica que o clube acaba de alcançar no Campeonato de Lisboa.

Quando o dr. Octávio de Brito nos recebeu no seu acolhedor gabinete de trabalho e o felicitámos pela vitória, disse-nos, modestamente, mas com alegria: — Por mim, limitel-me a servir o clube.

Mas o «novo» ambiente que se nota no Belenenses deve-se, em parte, à acção do doutor — observámos.

— A orientação de agora — diz-nos — é aquela que me parece mais indicada, formando assim uma associação onde estejamos ligados pelo mesmo ideal, para não ser apenas uma associação de espectadores. A vitória no Campeonato de Lisboa podemos-la cimentar no bom resultado de um esforço — de uma coisa que foi bem pensada e orientada.

Com íntima certeza: — Não foi um acaso feliz, foi um resultado feliz.

Depois: — O regime, bem compreendido por todos, é franco, leal, em que o jogador tem a recompensa do seu esforço, um prémio global, conforme a classificação final. Põe-se assim de parte, e com vantagem, a atribuição de vários prémios de jogo, conforme a categoria dos clubes adversários. Tem-se e deve-se prestigiar a ideia de que todos os desafios são importantes. E salienta, como pormenor importante, a boa moral que envolve todos os sócios, para que o clube não viva apenas das vicissitudes dos resultados. Criando este ambiente, mas dando-lhe expressão, consegue-se sempre qualquer coisa.

— O êxito deste campeonato alegrou os belenenses?

O presidente do Belenenses responde-nos com agrado:

— Como é natural. Os sócios do Belenenses constituem uma massa excelente. Só tenho que me lisonjear da convivência que com eles tenho mantido.

E com convicção. — O Belenenses é um clube de muitas possibilidades. Está em perfeita ascensão. Os seus 7 mil

sócios, vindos de todas as camadas sociais, estão animando extraordinariamente o clube.

— As bases técnicas em que assentou a vitória belenense?

— A orientação nova na vida interna do Belenenses e a cuidadosa preparação ginástica, a par de uma atenta observação médica, serviram de base à melhoria técnica que se observou. Mas a direcção técnica constituía o grande motivo. Augusto Silva foi o seu obreiro. Pertence-lhe um bom quinhão da festejada vitória. Em desabafo:

— Augusto Silva afastado do Belenenses parecia-me uma afronta...

Se esta direcção nada mais tivesse feito, a recondução de Augusto Silva à direcção do futebol belenense assinalava por si só um grande feito desta gerência.

Falamos de projectos no futuro do popular clube de Belém. Não são sonhos ou simples aspirações irrealizáveis.

É a necessidade imposta pelo desenvolvimento do clube.

— Há um problema grande — expõe-nos o dr. Octávio de Brito — o das instalações desportivas. Não é só a expropriação, que parece atingir uma parte das Salésias. É a necessidade de expansão. O estádio belenense tem de surgir. E o clube está em condições de o possuir, se bem que com o auxílio dos poderes públicos.

O Estádio de Belém com a sua piscina, balnearios, gabinete de agentes físicos e um pequeno estádio de basquetebol.

Alimentámos o sonho belenense.

— Em que terrenos? — No coreção de Belém, como devia ser, nas terras do Desembargador.

— E o actual estádio?

— O desenvolvimento desportivo da Mocidade Portuguesa carece de um terreno em condições. As Salésias corresponderiam a essa necessidade.

Os poderes públicos têm vantagem em auxiliar os clubes, como o Belenenses, valendo, sob o ponto de vista social e educativo, alguma coisa mais do que a vitória num desafio de futebol.

— Como prevê o doutor que seja o comportamento do «team» no Nacional?

— Vemos o campeonato com as maiores esperanças. Iniciamo-lo cheios de moral e em esplêndida condição física. Temos pelo menos as qualidades necessárias para vencer.

— Que opinião tem do futebol nacional?

— Progrediu-se. O aspecto técnico é bom, com tendência para melhorar.

Com esta opinião, deixámos o dr. Octávio de Brito entregue aos seus trabalhos e ao sabor da vitória belenense.

F. S.

O ATLÉTICO

na vanguarda do Campeonato de Lisboa

Foi de surpreender a vitória do Atlético sobre o Belenenses? O resultado, 36-23, pode parecer pesado, à primeira vista. Mas, de todo, não é. O Atlético, jogando para ganhar, pôde impor-se aos campeões de Lisboa e de Portugal, e apenas terá de lamentar-se, nesta jornada, o ambiente apaixonado em que decorreu o desafio.

O basquetebol, como qualquer modalidade desportiva, não pode apaixonar até o desmando. Durante o jogo Atlético-Belenenses, a assistência encheu o campo e, durante o tempo regulamentar, fez tudo para perturbar o trabalho do árbitro.

Façamos votos pela não repetição destas atitudes. Em campo tão pequeno, a intromissão exagerada do público não serve a boa propaganda do basquetebol.

Antes do jogo Atlético-Belenenses, o Grupo Desportivo da «Caf» venceu o Lisgás por 52-19. Diferença grande entre ambos — comprovativa, em absoluto, da superioridade dos castiços.

Esta jornada servia para colocar o Atlético na vanguarda da classificação do Campeonato de Lisboa. E serviu, igualmente, para nos demonstrar mais uma vez que não temos campos próprios para a prática do basquetebol.

Um bom terreno, hoje, serviria extraordinariamente a expansão da modalidade. Porque não tentar o arranjo de um terreno amplo? O desenvolvimento do basquetebol e o interesse do público justificam bem tal medida.

Na penúltima jornada, o Algés obteve boa vitória sobre o Carnide, por 44-39, e o Benfica derrotou o Rio Sêco por 41-23. Assim, o Benfica igualou o Belenenses e aproximou-se do Atlético.

Rio Sêco, (4 pontos), Lisgás e Carnide, (6 pontos) são agora os últimos da 1.ª Divisão.

Sporting C. P.

As aulas de ginástica deste clube passam a ser ministradas no Lisboa Ginásio, Rua Francisco Lazaro n.º 4, sob a orientação do professor Robalo Gouveia, com o seguinte horário: 2.ª, 4.ª e 6.ª feiras, das 7,40 às 8,30 horas.

Publicamos neste número a separata a côres da equipa de Os Belenenses, vencedora do Campeonato de Lisboa (1945-46.)

CICLISMO PORTUGUÊS

Propõem-se várias provas...

O ciclismo parece ter tomado de novo a embalagem que lhe pode proporcionar fataras

épocas de acentuado brilhantismo. Há, portanto, que aproveitar semelhante período de ressurgimento criando novos motivos de interesse para o público e para os ciclistas. Para isso nada melhor do que promover provas inéditas entre nós, de elevado valor espectacular e de reconhecido mérito desportivo.

Se as corridas em lata são as mais movimentadas e de maior poder compreensivo, e as provas «contra relógio» constituem, na velocipedia, as paginas de maior valor atlético e as que melhor definem a classe dos estradistas, outras há que, reunindo os méritos apontados, são ainda muito mais espectaculares e se prestam admiravelmente para a propaganda da modalidade.

É portanto necessário incluir no calendário nacional tais competições. As corridas de «cross» ciclo-pedestre, a disputar em meados de Fevereiro e extensões a todas as categorias, são, sem dúvida, uma iniciativa que tem de ser posta de pé. As provas para «ases», com treinadores humanos — «traders» ou «triple-tes» — também devem promover-se. E para completar este trabalho de alargamento da actividade velocipedica, urge que se organize uma série de pequenas provas de meio-fundo, através de motos comerciais, que são, em toda a parte, as que mais «prendem» e entusiasma o público.

Charles Pellissier, um campeão que por lapso foi dado como morto, mas que ainda vive na sua casa da Porta Maillot, sendo assim o único sobrevivente da família dos Pellissiers — não se recusou a disputar o anual campeonato de «cross», prova que constitui elemento de benéfica preparação para as corridas de estrada.

Tudo isto, («crosses»), provas de «tandem» e de moto como treinador, salvaguardando, é claro, as devidas proporções, se pode fazer entre nós. As provas de «cross», que tivemos a satisfação de introduzir em Portugal com êxito absoluto, têm, nas terras de Monsanto, e nas que circundam o Estádio Nacional, campo propício para a sua efectivação. Apista do Lamiar ou o Campo 28 de Maio servirão de maneira excelente para as corridas de «tandem», e o percurso Lisboa-Alhandra-Lisboa será óptimo para o percurso «sensão» de provas através de motos comerciais.

Meta-se ombros a estas iniciativas e o êxito será completo. Disso temos nós a certeza.

Gil Moreira

A PRIMEIRA CATEGORIA DO CLUBE DE FUTEBOL OS BELENENSES
Vencedora do Campeonato de Lisboa na época de 1945/46
é a 6.ª vitória do Clube no Torneio Lisboeta



No primeiro plano, da esquerda para a direita : Mário Coelho, António Eloi, Armando, Quaresma, José Pedro e Rafael Correia.
No segundo plano, da esquerda para a direita : Feliciano, Capela, Vasco, Gomes, Serafim e Amaro (capitão do grupo)

Estádio Nacional

Sr. Director da «Stadium» — Desculpe-me a impertinência. Mas, francamente, o autor do artigo «Estádio Nacional», da última «Stadium», em que sou visado, ou não sabe ler ou não entende o que os outros escrevem! Só por cortezia de vistas, na verdade, pode considerar-se paradoxal o facto de termos seleccionado jogadores e o facto de defendermos que, entre construir-se um estádio monumental ou fazer-se o apetrechamento conveniente dos campos desportivos e a construção de pequenos estádios nas principais vilas e cidades do país, esta última solução teria sido muito mais útil para o desporto nacional...

Antes de um Estádio Nacional — para as grandes competições — seria mais vantajoso criarem-se os meios necessários para um amplo e extenso adrestramento de atletas. A tese é esta, apenas... A circunstância de termos sido seleccionador, não a torna paradoxal. Ao contrário. Torna-a perfeitamente lógica — e fundamentada...

Não participámos do Congresso que pediu a construção do Estádio; não temos a menor responsabilidade na petição feita ao Governo; e julgamos não ser difícil a quem não for, claro, manifestamente superficial nesta coisa da bola e do desporto, verificar que, desde a data do Congresso, muitas pessoas, entre as quais nos incluímos, têm defendido esta mesma tese. Não é uma atitude oportunista. Nem o dizemos, agora, por política, como parece insinuar-se no artigo que motivou esta carta. Mas talvez não possa dizer-se o mesmo quanto ao autor do artigo que descobriu o paradoxo...

Agradeço-lhe a publicação desta carta. E muito obrigado fica o seu camarada — Cândido de Oliveira.

A carta do sr. Cândido de Oliveira não deve passar sem ligeiro comentário, embora esteja longe de nós, idéias de polémica, que «Stadium» não alimenta.

No entanto verifica-se pelas explicações precedentes que o sr. Oliveira não soube escrever, ou não soube falar a quem escreveu, pois ficamos sabendo que onde afirmou «primeiro allelas, depois estádios», queria declarar «primeiro estádiosinhos e depois estádio nacional».

Também não dissemos que o antigo seleccionador nacional tenha comportamento paradoxal, pois simplesmente demonstramos que a opinião expressa na entrevista visada apenas tinha o valor de uma interpretação pessoal porque estava em antagonismo com o critério e modo de pensar andiniano de toda a hierarquia desportiva da época.

E se quiséssemos fazer política, poderíamos mostrar ao nosso prezado colega a lista dos estádios municipais e terrenos de jogos que estão sendo construídos em todo o país com o apoio dos organismos do Estado.

Mas não vale a pena, porque o sr. Cândido de Oliveira também sabe.

ANDEBOL

ASSIM DEVIA SER SEMPRE

As taças «Dr. Pedro Teotónio Pereira» e «Imprensa»

DEPOIS daquela jornada de triste memória, que tanto podia comprometer a propagação do andebol no espírito público, era necessário realmente um espectáculo de virtudes desportivas como este a que assistimos no domingo, no campo do Lumiar, para completa reparação do mal feito.

As responsabilidades eram maiores ainda pela presença do dr. Pedro Teotónio Pereira, a quem a Associação prestou justa e simpática homenagem, em testemunho de agradecimento pelas provas de apreço e carinhoso acolhimento que o ilustre diplomata dispensara em Madrid à equipa representativa lisboeta.

O Sporting e o Benfica disputaram entre si a Taça Teotónio Pereira com impecável desportivismo, com o natural empenho e com entusiasmo, mas sem um exagero ou gesto feio. A atitude de todos foi tão flagrantemente cavalheiresca, que relega para segundo plano o que possa ter valido a sua exibição.

O sr. dr. Teotónio Pereira, no final do encontro, entregou ao capitão do Sporting, que vencera por 3-2, a taça com o seu nome, as taças dos Campeonatos de 1.ª categoria e de juniores e a Taça Costa Almeida; ao capitão da 2.ª

categoria da «Cufa» o troféu do campeonato que ganhou na época passada; e cumprimentou os capitães de ambos grupos, manifestando-lhes o seu agrado pelo espectáculo a que assistira e prometendo a oferta de uma taça para ser disputada pelos clubes de Lisboa enquanto ele fôsse sobre as águas do Atlântico.

Ao encontro entre os dois grandes rivais, jogado com a lealdade que sempre devia existir nos campos de desporto, não faltou interesse nem emoção.

O Sporting, desfalcado de quatro titulares, obteve bom triunfo, mas o Benfica, que esteve por duas vezes em situação de vencedor, equilibrou a partida e não desmereceu no confronto.

Em complemento do programa, o Desportivo da «Cufa» e «Os treze» decidiram, em jogo de tempo reduzido, qual o vencedor do torneio-relampago dotado com a Taça Imprensa. O grupo da «Cufa» venceu por 3-0 e o encontro decorreu também em condições de agrado, compenetrados os jogadores de que são desportistas em campo para obedecerem voluntariamente às regras do jogo, e não obstáculos sem disciplina para impedir a acção dos adversários e ganharem seja como for.

JOSÉ DE EÇA

VOLEIBOL

TECNICO VENCEU DIREITO

TERMINOU na segunda-feira o campeonato universitário de voleibol, excelente competição que demonstrou os progressos técnicos e a expansão de popularidade deste jogo entre nós.

Pelo interesse que suscita nos espectadores responde o entusiasmo vibrante da assistência sempre numerosa — noites houve em que se juntaram no ginásio do Técnico mais de duas mil pessoas — durante as três semanas do Campeonato; o que vale como exercício atlético fica demonstrado na diversidade de intervenções dos jogadores, na complexidade do papel que cada um deles desempenha na equipa. E não se supunha que um encontro de voleibol rijamente disputado seja exercício de somenos violência; o contrário testemunha-o um pommer muito expressivo que podemos fornecer, inédito, aos nossos leitores: ante o começo da sua partida final contra direito, os jogadores do Técnico pesaram-se no vestiário; no regresso, após o jogo, que durou uma hora e vinte de permanente movimento e ininterrupto esforço de atenção, voltaram a pesar-se e puderam verificar uma perda média superior a um quilo! Fernando Frade, o que maior diferença acusou na ba-

lança, diminuiu um quilo e setecentas gramas, e João Arruda, mais e meio.

Esta luta titânica da final foi o digno fecho do notável campeonato: emocionante, animosa, arrastou o público académico ao rubro do entusiasmo.

O Técnico, o mestre Técnico, venceu com autoridade, mas o facto de haver perdido a primeira partida deu maior emoção à contenda; os rapazes de Direito levaram-na a melhor por 15-13, com absoluto merecimento, mas a resposta foi dura: 15-1, 21-9, a favor do Técnico, nas outras duas partidas que seguiram.

Classificaram-se no final assim os oito concorrentes: Técnico; Direito; Agronomia, que alcançou este lugar merecido da extraordinária acção de Nuno Câmara Pereira; I. N. E. F., Ciências e Económicas, iguados em pontos, mas a quem atribuímos esta ordem pela relativa das partidas ganhas e perdidas nos encontros que disputaram entre si; Medicina e, encerrando a série, Belas-Artes, que desistiu após três derrotas consecutivas.

A actividade do voleibol universitário prossegue com o torneio de segundas categorias.

José de Eça

HIPISMO

O «RASO» E O «ABRUNHO»

vencedores no domingo

A «Taça Diário de Notícias», disputada no domingo, proporcionou ao «Raso», montado por Correia Barreto, um triunfo que pode considerar-se brilhante.

Quando as vitórias são assim alcançadas põem em evidência a categoria do cavalo, a classe do cavaleiro e, acima de tudo, o valor do conjunto, haja sem dúvida o primeiro de quantos se apresentam em pistas portuguesas. É necessário que hoje um perfeito entendimento entre o cavaleiro e a montada para se conseguirem 58 saltos sem faltas e 2 com um derrube, tantos quantos o «Raso», em grande dia, transpôs para conseguir ganhar a «Taça Diário de Notícias».

Valorizando ainda o triunfo do magnífico argentino, apresente-se a dificuldade do percurso, que se compunha de seis duplos a 1,10", que foram subindo 10 cm. em cada «barrage», chegando a 1,50".

Só o «Baculho», com Rhodes Sérgio, acompanhou o «Raso» até à 4.ª «barrage», mas o «Paiole» e a «Inquiridora», montados por Fernando Cavaleiro e Carlos Granate, tiveram também magnífico comportamento.

Agradaram-nos ainda «Benguela», «Marvão», «Selector», «Zuarri», «Douro» e «Xerez». Todos eles proporcionaram ao público um espectáculo cheio de interesse.

A abrir o programa do último dia do Concurso do Outono, disputou-se, em percurso de caça, a prova «Jockey Clubs», que deu a Henrique Calado mais uma oportunidade para colocar o «Abrunho» em 1.º lugar, com um tempo magnífico, impossível de ser batido.

Já não nos surpreendem as vitórias deste argentino, quando nos surja montado pelo jovem concursista.

O «Sado» e o «Xarão», bem conduzidos por Fernando Pais e Aloy Pereira, ficaram 2.ºs «ex-aequo» com percursos que mereceram aplausos, mas com mais 8 segundos que o vencedor.

No decorrer desta prova foi desclassificado o «Optus», montado por Hélder Martins, mas, em boa verdade, pareceu-nos que não havia motivos para tal, uma vez que o cavaleiro não parou em frente do obstáculo derrubado numa recusa, para que o tempo lhe fôsse descontado. Assim, não tinha necessidade de aguardar o sinal de recomeçar.

Também nos seja permitido um reparo à maneira imperfeita como o público foi informado no decorrer das provas, principalmente da última.

Assim terminou o Concurso do Outono, que a S. H. P. organizou sob o patrocínio do «Diário de Notícias» e que atraiu muito público ao hipódromo do Jockey Clube.

Antes Teixeira

Machado, de Guimarães, num salto prodigioso, defende a sôco



As balizas do Vitória de Guimarães em perigo!



O encontro do Porto

Barrigana evita o remate de cabeça de um adversário



O grupo do Vitória de Guimarães, campeão do Minho, que defrontou o Porto no estádio do Lima



ATLÉTICO *vence em* COIMBRA



A linha atacante do Atlético desenvolve, com rapidez, um ataque. Garção já possui Mário Reis, Rogério e Oscar, seus companheiros, acompanham-no

Garção, o avançado-centro da A. de C., numa fuga



Um ataque da Académica, intervindo Bentes e Garção



Angeles, que ataca a ponta direita da Académica, um jogador que deixou boa impressão aos lisboetas, tenta passar

MORA vai ter um ESTÁDIO



Guilherme, Sousa e Peres, interior direito, defesa e avançado centro, respectivamente, do valeroso Clube Desportivo do Candal, da 2.ª Divisão da A. F. Porto, tem contribuído para muitos êxitos da sua colectividade.



A equipa reserva do A. F. C. Alenquês, vencedora da «Taca Propaganda». Alinham: Abilano, Silva, Santos, Calado 1.º, Mourão, Gouveia, Gomes, Galamarta, Luz, Grahalo e Domingos; Nobre, Casca, Silveira, directores, e Calado e Mano, suplentes — estão na árvore.

O Sr. Nunes Mexia, presidente da Câmara Municipal de Mora, tem acompanhado com muita simpatia, nos últimos tempos, a actividade entusiástica dos desportistas locais. O Luso Futebol Clube Morense, representante digno do concelho, tem sido alvo das atenções d'este homem público e, assim, tudo se prepara para que se torne cada vez mais popular e mais prestigioso — com grande satisfação dos seus dirigentes e jogadores.

O Luso Morense tem a sua história. Os seus jogadores aplicados e amigos da sua colectividade, têm contribuído várias vezes com algumas quantias, o que pode não ser inédito mas é com certeza revelador de amizade sincera da sua parte.

Mas necessita o clube, ainda, de ser apoiado pelas entidades oficiais. O Sr. Nunes Mexia, presidente da Câmara Municipal, já prometeu, e cumprirá, certamente — um pequeno Estádio.

Todos os morenses sentiram regozijo enorme com a afirmação do senhor Nunes Mexia e todos, reconhecidamente, louvam a acção do ilustre Presidente do Município.

Agora todos podem dar largas à sua alegria, pois, assim, logo que o Estádio esteja em condições, o Luso Futebol Clube far-se-á representar no Campeonato Distrital.

Está, pois, Mora de parabéns e, louvada seja, devido à acção do senhor Nunes Mexia.

Só aqueles que de perto conhecem a actividade do Clube podem e sabem apreciar quantos sacrifícios e contrariedades o Luso Morense tem suportado para poder apresentar-se com apuro e dignidade nos campos desportivos.

O seu espírito de luta vai ser compensado por esta prova de consideração camarária, e oxalá isso se faça bem depressa. Os desportistas morenses desejam-no ardentemente.



Cofa tem o seu grupo. Briso. Aqui o apresentamos, pela seguinte ordem: Armando, Domingos, Moura, Mário, R. Issa e Silva; Fernando, José Moura, Manala, M. Silva e Zé.



Grupo de honra do S. C. Araceniense, de Aracena; Ângelino (treinador); Armando, Parente, Zeca, Xico, Inácio e Baía (jogadores); Arnaldo, Alves, Parente 2.º, A. Mazia, Inácio 2.º e Coção.

A 2.ª categoria do S. L. Luanda: Ribeiro, Pinto, Julio, Joaquim, C. Alberto e Eurico; Adalino (maçanista), Helderário, director, Amadeu, Carrasco, Salvador, Feliciano, Fortes, Domingos e Silva Junior.

O Conjunto do Colégio de Ermesinde. Por ordem: Leitão, Vitor, Moura, Eltário, Padre Dabo, assistente religioso, Melo, José, Correia e Nápoles; Antunes, Menina, Frada, Lapa e Cesar.



Apesar de tudo

é quasi certo que Gomes da Costa não jogará...

MUITO se tem dito e escrito acerca do regresso do valoroso jogador Gomes da Costa ao team do F. C. do Porto, onde não alinha desde a época linda. E, como é natural, as mais curiosas afirmações se têm feito sobre o caso — muitas delas baseadas nos boatos dos cafés e na fantasia dos informadores...

Stadium, porém, quis lagir a informação através de terceiros,



a fim de evitar naturais deturpações. Por isso mesmo impanha-se a necessidade de ouvir o próprio Gomes da Costa, pois ninguém melhor do que ele nos diria o que de concreto se passava.

— Então sempre é certo, Gomes da Costa, que não jogará esta época?

— Assim lho posso garantir. Tomei decididamente esta resolução; firmei mesmo um compromisso moral de assim proceder, e nada me levará a quebrá-lo. Tenho pena, realmente, que motivos vários me levassem a tomar tal atitude — sobretudo porque sou «portista» cem por cento, e porque gosto do jogo da bola.

— Mas anancia-se o seu ingresso em vários clubes. O que há de verdade?

— Nada — absolutamente nada. Chegam a espantar-me certas notícias, que não sei como nasceram... Acredite: se não jogo no F. C. do Porto, não jogo em qualquer outro clube. Só pelos «cazis-brancos» alinhará, e se o não faço é simplesmente por motivos particulares. Nada há de incompatibilidade associativa. Compreende?...

— Parece-lhe que o F. C. do Porto ganhará o Campeonato Nacional?

— Não sou tão optimista, embora me pareça possível a proeza. Contudo, certo estou que se classificará bem e honrará mais uma vez a região que representa.

— O raído prolongado da campanha anancia o final do intervalo. A sessão ia recomear. E o jornalista voltou ainda a perguntar: — Então sempre é certo não jogar?

— Certíssimo...

Stadium na Capital do Norte

Lima ou Constituição?

Um clube que precisa de campo como de pão para a boca!

VELHA questão: — o campo de jogos do F. C. do Porto. De vez em quando — surge um caso novo, uma informação mais ou menos arrojada, mas sempre falível. Hoje fala-se das Antas, amanhã da Vilarinha... Ao fim e ao cabo, porém, fallam ambas as soluções, por causa da burocracia — dizem uns — por questões de política desportiva — afirmam outros.

Agora, começou o campeonato nacional de futebol, e surgiu novamente o inevitável: — o Académico diz que no Lima quem manda não é o F. C. do Porto... Atitude indesejável? Não devemos julgar assim. Claro que poderia invocar-se uma questão de camaradagem desportiva, o propósito de ser útil à cidade, etc., etc. Tudo certo.

Mas... entre o Académico e o F. C. do Porto, não sabemos bem porque, não tem havido boas relações. Podem dizer o contrário. O que nós percebemos, porém, é isto mesmo.

Agora, os dirigentes do clube do Lima mostram a sua intransigência. Querem entrada para os seus associados. E mais uma percentagem. Duro, possivelmente...

O que não pode deixar de considerar-se, custe a quem custar, é que este facto se dá com um clube da categoria do F. C. do Porto.

Teremos de lamentar, mais uma vez, que não tenham sido eliminadas várias dificuldades. Já se sabe que o popular clube campeão tem feito tudo para resolver

O magnifico exemplo do ACADÉMICO

DEPOIS do Sport Clube do Porto — instituição desportiva que todo o País admira pela sua obra em favor da educação física, surge-nos agora uma nova iniciativa da banda do clube do Lima, que pôs a funcionar um curso de ginástica sob a orientação do conhecido professor, sr. Dello Tamegão.

Os associados do Académico, por sua vez, compreenderam bem o alcance da atitude tomada pelos responsáveis, e o curso, por isso mesmo, está a registar uma frequência invulgar.

Salutar por excelência, pois, a iniciativa do Académico — da qual os seus praticantes vão tirar os melhores resultados.

Resta, agora, que todos os restantes clubes portuenses compreendam o exemplo, e o sigam imediatamente. Pelas vantagens que oferece... e ainda para que se não deixe de cumprir o que há muito está legislado!

o seu problema. No Porto, entretanto, — as coisas correm de certa maneira... Inimigos de si próprios, pode afirmar-se.

O esforço do F. C. do Porto, o prestígio que consegue para a sua região, pouco tem importado a quem de direito. Continua, por isso, sem campo à altura das suas tradições.

Má sina. O primeiro clube da cidade terá de colocar-se na dependência de uns e de outros. E estes, claro, «apertam» quanto podem. A culpa não lhes pertence, evidentemente.

Veremos, entretanto, o que se passará de futuro. Se os jogos se efectuarem no campo da Constituição, perdem todos: o clube, que encherá o terreno com os sócios; o visitante, que não terá grande receita; os desportistas portuenses, que não podem ver jogos de categoria; e o desporto, meus senhores — este desporto que bem merecia mais um pouco de simpatia, também sairá ferido, lamentavelmente maltratado. Isto nem se acredita...

MOSAICOS nortenhos...

O ESTÁDIO DO LIMA voltou a tomar contacto com o grande público. Afinal, depois de muita coisa se haver dito, — dito e escrito — o F. C. do Porto utilizou o campo do Académico. O Boavista, segundo parece, ficará no Bessa.

Não sabemos como estará agora tratado o Campo do Lima. Na época linda — horripilantemente. É muito natural, porém, que ou o Académico F. C. ou mesmo o F. C. do Porto, também interessado, hajam mandado fazer as reparações necessárias. Isto se os jogos futuros continuarem e disputar-se ali. Na altura em que escrevemos, não se sabe ao certo.

Consequências do F. C. P. não ter arrumado ainda o «seu caso»...

♦ JÚLIO SILVA, do F. C. do Porto, disse palavras emérgas numa entrevista publicada no «Mundo Desportivo», referindo-se ao Estádio do seu clube. Na verdade, parece que misteriosa força se opõe às suas aspirações justas, aos seus admiráveis anseios de progresso. Todavia, mal se advinha quante propaganda poderia constituir a construção do Estádio do mais importante agrupamento.

Os adeptos do clube — desanimam, dia a dia. Depois de certo movimento camarário, de muito optimismo em volta do caso — tudo como dantes. Má sina envolve o Porto...

UM DIRIGENTE

portuense



Joaquim Elói da Silva [oi atleta, árbitro de boa categoria, dirigente. No Colégio de Árbitros do Porto, nas várias Associações e, últimamente, no F. C. do Porto, Joaquim Elói da Silva deixou uma obra.

Quando, há dois para três anos, aceitou o cargo de secretário geral do F. C. do Porto, a principal colectividade nortenha atravessava profunda crise. «Nem cartões para sócios, nem papel, nem tinta...» Tornava-se necessário fazer tudo de novo, reconstruir. O team estava aboleado, extraordinariamente reduzido...

Mes o milagre fez-se. O clube vestiu-se de novo, alargou a sua rede de relações, reformou estatutos e criou gente nova. Sem afastar pessoas, chamou a si elementos que poderiam contribuir para a sua expansão segura. O clube, graças a uma gerência nova, — rejuvenesceu!

Pois um nome deve ser apontado: — Joaquim Elói da Silva. Pelo muito que trabalhou. Pelos exemplos de coragem de que deu provas.

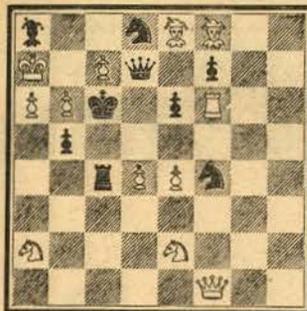
O F. C. do Porto deve-lhe horas de intenso labor e de muita fé nos seus destinos. O distinto desportista pertence agora ao Conselho Fiscal do clube, visto estar impedido, pelos seus afazeres, de pertencer aos corpos gerentes. Mas, mesmo assim, nem um só momento se esquece de dar ao clube muito da sua efecção e do seu esforço.

O PORTO CONTRIBUI para o desenvolvimento do basquetebol

O basquete portuense ganhou ainda mais adeptos — se é possível — por causa da boa equipa apresentada pelo F. C. do Porto. Mas, de vez em quando, embora — por situações delicadas, produzidas por um ou outro protesto digno de lástima. Os derrotados poucas vezes se convencem da superioridade flagrante do vencedor. E' dos livros. E como não feita quem disponha de uns ascudos, — lá se recorre à reclamação. Se isso é tão fácil...

PROBLEMA X

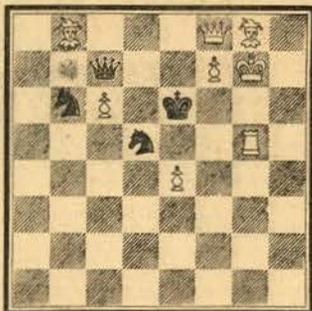
«Amador II»



2 X

PROBLEMA XI

«Gitanillo»



2 X

XADREZ

EXERCÍCIOS DE RECONSTRUÇÃO DE PROBLEMAS

Só neste número podemos continuar a publicação do artigo que, com este título, começou a sair num dos nossos últimos exemplares, da autoria do nosso prezado colaborador sr. Vasco Santos.

(Continuação do número 155)

O factor decisivo na resolução destes exercícios é a localização precisa das peças do problema, deduzida pela estratégia concebida com os elementos do Problema: a chave, ameaça e variantes:

Os dados do exercício proposto no ante-penúltimo número são os seguintes: Chave 1. Tf6, ameaça 2. Tx6 mate.

Variantes; 1... Cf7; 2. Pxe8-B. — 1... Bf7; 2. d8 — C. — 1. Cc5; 2. Te5. — 1. Txc8, 2. Pxc8 — D; — 1... Bxe7, 2. Dd6. — 1... Dd5; 2. Tb6. — 1... Dg4, 2. d5 mate.

Com o objectivo de facilitar aos principiantes a adaptação desta interessante modalidade, vamos descrever um dos métodos com que é possível solucionar o Problema.

A colocação da T. Branca na casa f6 é o ponto de partida. Procuraremos, em seguida, localizar o R. negro, o que, dum modo geral, é tarefa fácil. A convergência dos mates no-lo esclarecerá. O facto da ameaça ser Tx6, só por si não é suficiente para termos a certeza de o Rei estar nas ortogonais e ou 6; nada mais natural de que a torre ameaçada não ser a que executa a chave, mas sim outra que mascarasse uma bateria!...

Mas, como veremos no prosseguimento deste estudo, não é este o caso. Considerando primeiramente o princípio de que os mates são directos, verificaremos que o Rei está em c6, isto é, a casa para onde convergem a diagonal e8 (o mate de promoção a bispo), as ortogonais c e 6 (mate de T e D) e ainda os ataques dos PP a d5 e d8 (= C).

Por esta simples leitura, concluímos que está um P branco em d7 e outro em d4. Consideramos ainda a hipótese de um P negro em e6 (justificando a captura) e de um bispo negro em e8, para a efectivação de duas defesas (Bf7e Bxd7). Esta última variante tem toda a aparência de ser uma auto-obstrução e por isso procuramos a explicação do seu maquinismo. Vemos apenas 2 colocações possíveis da Dama para justificarmos este raciocínio: c8 e a7. A primeira é mais de considerar por causa da variante Txc8, entre outras razões, mas achamos preferível aprofundar a análise por outros caminhos mais concretos.

E o mais prático será, sem dúvida, esclarecer a lógica das variantes de promoção, isto é, conhecermos a natureza de enfraquecimento estratégico das pretas.

Vejamos: o Pd7 joga quando a casa f7 é ocupada pelo bispo ou Cavallo negro. Porquê? A resposta é única: despregagem do Peão por intercepção negra. Não é possível imaginar duas aberturas de linhas ou outros quaisquer elementos estratégicos. O sistema de pregagem-despregagem é ortogonal e verifica-se que a linha de acção é a sexta. Logicamente, a peça preta está colocada ao lado esquerdo do Peão e o Rei branco no lado oposto, em g7 ou h7. A peça preta deve por sua vez encontrar-se pregada, pois não há indicação de xeque réplica. Note-se ainda o pormenor de que tem mobilidade, como a mostra a terceira variante de promoção (Txc8; 2. Pxc8).

Ocupa, portanto, a casa c7, obstruindo a ortogonal a7-d7, e eliminando assim a hipótese da D estar em a7.

E com o seguinte esquema, o exercício entra numa nova fase: 2D1b3-21P2 (RR)-2r1 (p) T2-8-3P4-8-8 8.

(Continua no próximo número)

VASCO SANTOS

JESUS CORREIA

As revelações de um hoquista que poderá chegar a internacional de futebol!

(Continuação da página 4)

Jesus Correia sorri. Não vai por certo revelar o seu segredo, mas diz-nos:

— Em corrida, fazendo todos os «drillings» necessários os possíveis, o meu pontapé tem que visar um determinado ponto da baliza. Se tudo me sai bem, é certo... entra mesmo.

— Neste curto espaço de tempo de jogador já teve, certamente, alguns momentos de satisfação, ou de arrelia?

— Gostei imenso daqueles dois goals que ofereci ao Atlético Aviación, com os quais ganhei o cândido...

— Que ainda existe?

— É um espada a cantar. O momento mais pesaroso, por enquanto, foi a primeira derrota que sofri com o Benfica. Perde-se e ganha-se muita vez com o nosso rival, mas a primeira vez causou-me estranha impressão.

— Qual o companheiro de equipa que mais aprecia?

— Todos. Mes abro uma excepção para o Azevedo. Admirável. Que grande confiança nos inspira. O Azevedo nas redes é meio jógo ganho!

— Dos outros clubes?

— Francisco Ferreira e Feliciano; este, então, mete respeito...

— Como aprecia a presença do Sporting no Campeonato de Lisboa?

— Tivemos azar no princípio, mas já estamos a encarrear.

O «Nacional» há-de encontrar-nos como deve ser.

— Dos outros concorrentes?

— O Benfica está muito em baixo, mas todos esperamos a sua recuperação! Dos que vêm disputar o «Nacional», o que mais me impressiona é o Olhanense.

— Que diferença encontra entre o futebol do tempo em que o via das bancadas e este que agora pratica?

— Há uma diferença sensível. É inegável que se melhorou muito, e, a caminhar neste aperfeiçoamento, com a intenção que nós temos para o popular jógo, creio que podemos impor-nos perante o estrangeiro. No entanto, das modificações introduzidas na técnica do jógo há um sistema que não tem a minha simpatia: o jógo de marcação tal qual agora se pratica. Francamente, não gosto. É uma autêntica voz de prisão durante os 90 minutos de jógo... incompreensível.

— Já pensou na possibilidade de ser esta época seleccionado para o team nacional?

— Tenho essa esperança. Mas se não for este ano, alguma vez há-de calhar.

Termino, assim, esta conversa entre o jornalista e um jogador de futebol: Jesus Correia, um caso especial e curioso entre os nossos jogadores da bola. Uma hora de sorte para o desportista e para o clube. Uma hora? (Um instante foi salientado)

FERNANDO SÁ

2 assuntos

A Federação Espanhola de Futebol está empenhada em combater com a maior energia a indisciplina de jógo, que nas suas competições se manifesta, com reprovel insistência, pela dureza e entradas mal intencionadas de muitos jogadores.

Quasi todos os clubes se queixam da elevada percentagem de homens «no estaleiro» em consequência dessa falta de escrúpulos desportivos por parte de aderentários, que parecem apostados em afastar por tal processo aqueles que na frente fazem obstáculo ao seu ilimitado anseio de vitória.

Esta mentalidade agressiva, em indivíduos para os quais o futebol é a única profissão a assegurar-lhes os meios para viver, presta-se a apreciações sobre a levandade de critério desses jogadores, que tão impensadamente brincam com o sógo.

E contra semelhante estado de espirito que os dirigentes do futebol vizinho reagem por todos os meios ao seu alcance; já em tempos aqui nos referimos ao rigor das medidas punitivas por eles adoptadas e noticiamos agora os jornais espanhóis que o conselho director da federação decidiu ainda tornar responsáveis os treinadores pelo procedimento incorrecto dos seus jogadores em campo.

O projecto da realização de um Congresso dos Clubes de Ginástica recebeu um unânime aplauso que pode considerar-se garantido o seu êxito; o interesse da iniciativa ficou definitivamente consagrado pelas palavras de aplauso que lhe dispensou o sr. Director Geral dos Desportos.

Passou a ser assunto de actualidade.

Afastados do programa de trabalhos a estudar todos os temas de ordem técnica, que lhe não dizem respeito, fica ainda vasto campo de apreciação onde os congressistas possam analisar e pôr em equação alguns problemas de vital importância, que interessam, não apenas às colectividades especializadas, mas — como afirmou no «Mundo Desportivo» o nosso colaborador dr. Salazar Carreira — a todos os clubes portugueses de desporto.

A lei orgânica do desporto impõe a lódas as agremiações do país a obrigatoriedade de manterem em actividade permanente classes de ginástica para frequência dos seus praticantes em lódas as modalidades.

No entanto, trata-se de uma situação provisória, que não poderá manter-se por muito tempo, tanto mais que está afastando legítimos interesses de terceiros, tendo até sido já objecto de uma exposição apresentada junto das instâncias superiores do desporto pelos professores de ginástica diplomados pelo I. N. E. F.

A 1.ª vitória de **ELVAS**



Semedo, de Elvas, defende com oportunidade...



Alaix, interior esquerdo do S. L. e Elvas, num ramate de cabeça



Olhanense, campeão do Algarve, o grupo que jogou ontem



Uma defesa de Teixeira, o guarda-réd do Olivaireracel

A luta em **OLHÃO**



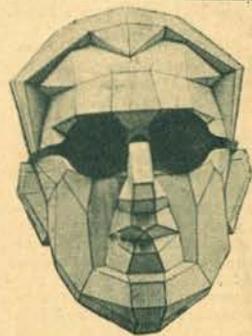
ANDEBOL — O «team» da Cuf, vencedor da Taça «Imprensa»



HOMENAGEM — Aspecto do jantar oferecido ao sr. Isaac Squerra, que brevemente parte para Londres, pela Direcção do Sporting, no «Negresco»



RUGBY — Uma jogada de «touch», ardente e enérgica, no desafio Sporting-Belenenses, ganho por este último grupo por 6-3



**GIL
OCULISTA**

FUNDADA EM 1865
Depositaría das lentes "ZEISS"
Binóculos, Termómetros
Bússolas de marcha, etc.
Aparelhos de Precisão
125, RUA DA PRATA, 143
telefone 22829 LISBOA